



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## OS MUSEUS DO RIO DE JANEIRO.

CORREIA, A. A. Mendes

Ano: 1934 | Número: 44

---

### Como citar este documento:

CORREIA, A. A. Mendes, Os museus do Rio de Janeiro. *Revista de Guimarães*, 44 (3-4) Jul.-Dez. 1934, p. 195-204.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Museus do Rio de Janeiro

---

A série de visitas que realizei no Rio-de-Janeiro, iniciou-se pelo Museu Nacional e pelo Instituto de Identificação. O primeiro, instalado na antiga residência imperial da quinta da Boavista, está numa situação um pouco excêntrica, relativamente à parte mais movimentada e activa da cidade; mas, se não é facilmente acessível, possui uma instalação excelente e uma localização encantadora. O parque, embora um pouco descuidado, é vasto e envolve com um formoso cenário natural o majestoso palácio.

As relações que de há muito tinha com o ilustre director do Museu, Dr. Roquette Pinto, e o mais vivo interesse por algumas das colecções ali conservadas, impunham que uma das primeiras visitas fôsse essa. Repetidamente ali voltei depois, e muitas vezes me tornei a encontrar com o insigne autor da *Rondônia*, cuja cultura, cujo talento e cujo trato o impõem à simpatia e admiração gerais e lhe granjearam no Brasil e em todo o mundo científico uma justa reputação de cientista eminente. Fiquei-lhe devendo e ao seu Museu, além do prazer dum convívio tão útil como grato para mim, a gentil cedência de alguns quadros parietais e diapositivos para ilustração de algumas das minhas palestras. O meu reconhecimento é extensivo à S.<sup>ra</sup> D. Heloísa Tôrres, conservadora da secção etnográfica do Museu, senhora inteligente e culta, que, como o prof. Roquette Pinto, me acompanhou naquele estabelecimento e colaborou no auxílio dado ao meu trabalho de conferencista.

O Museu possui importantes colecções de mineralogia, geologia, botânica, zoologia, antropologia, arqueologia e etnografia, uma boa biblioteca, salas de trabalho, oficina de tipografia e gravura, etc. e tem

constituído a sede de investigações científicas de valor reconhecido, mormente sobre assuntos brasileiros, embora no Museu existam documentos doutras proveniências. Merecem especial menção, nas colecções, os materiais de etnografia dos índios e de arqueologia pre-colombiana. Mas não faltam documentos doutra ordem, como os que se referem à acção de António Conselheiro, o famoso caudilho místico da insurreição de Canudos, descrita admiravelmente por Euclides da Cunha, com os seus aspectos estupendos de superstição e heroísmo.

O director do Museu é permanentemente auxiliado por um núcleo de colaboradores, alguns dos quais nomes também ilustres na ciência brasileira. Professores da Politécnica e de Medicina, por exemplo, pertencem a esse núcleo de investigadores. Citarei, assim, em mineralogia e geologia, dois professores daquela Escola, o geólogo Betim Pais Leme, o crítico brasileiro da teoria vegeneriana da translação dos continentes e autor de importantes trabalhos de análise espectral dos minerais — trabalhos que o consagraram, tendo-o a Sorbonne elevado a seu professor *honoris causa* —, e o mineralogista Rui de Lima e Silva, director da mesma Escola, cientista merecidamente reputado, inteligente, jovem, com uma linha sóbria e digna, que o impõe à consideração geral.

Alguns sectores do Museu estão sendo reorganizados, manifestando Roquette Pinto o desejo de que, em vez de serem dispostos preferentemente segundo as predilecções e conveniências de trabalho dos respectivos especialistas, apresentem, como já se verifica noutras secções — por exemplo, nas de etnografia e antropologia — uma disposição mais didáctica. Roquette Pinto está desenvolvendo uma acção intensa e fecunda no domínio da educação popular, pelo escrito, pela radiotelefonía, etc. O sábio, o académico, entende, com razão, que não deve olímpicamente desprezar o povo modesto e inculto; antes lhe consagra carinhosamente uma boa parte do seu tempo e da sua actividade.

Postergando a ordem cronológica das visitas, por se tratar também de Museus da capital federal, aludo desde já ao Museu da Escola de Belas Artes

e ao Museu Histórico, este último visitado na antevéspera da minha partida para Portugal.

A Escola de Belas Artes está instalada num magnífico edifício. Fui lá mais de uma vez, tendo até realizado ali uma das minhas palestras — a que versou «A arte pre-histórica na Europa Ocidental». Numa dessas visitas examinei com interêsse os trabalhos dos alunos dum curso universitário de Artes Decorativas, dirigido pelo venerando e ilustre artista Visconti. Havia uma Exposição dêsses trabalhos. Embora o curso fôsse ainda de recente data, havia ali muito interessantes provas escolares. Um gôsto ornamental se manifesta. Preocupam-se expressamente os professores em que os motivos sejam nacionais, extraídos da flora, da fauna, do folclore brasileiros. Na verdade, não é êsse nacionalismo artístico a sua mais forte originalidade. Notava-se, por exemplo, entre os motivos o pôlvo — que nos faz recuar para a arte pre-histórica do Mediterrâneo, velha de milênios... Mas, se a originalidade ou o indigenato dos motivos não interessa num ponto de vista de pura arte, originalidade e sobretudo bom-gôsto surgem nas combinações, nas côres, no estilo, no efeito decorativo. A Exposição causava impressão agradável. O novo curso é uma iniciativa digna de estímulo.

Estava aberta uma Exposição de pintores contemporâneos. Verifica-se com júbilo que o cubismo não tem feito grandes destroços entre os jovens artistas brasileiros, ao contrário do que infelizmente sucede noutros países. Há modernistas, mas em geral duma arte saudável e digna de consideração. Entre os jovens pintores, surgem afirmações brilhantes. Não fixei nomes, mas conservo a recordação de alguns quadros que denotam real talento.

O Museu reüniu, há pouco, a vasta obra do escultor Bernardelli, artista de vigorosas faculdades plásticas. Há igualmente muitos quadros do irmão, pintor. Em escultura, é também digno de registo Correia de Lima. Como é natural numa escola, abundam as moldagens, e, na pintura, há bastantes cópias, umas e outras, aliás, classificadas como tais nos catálogos.

A pinacoteca é ampla, mas está naturalmente longe da importância, pelo valor e sistematização das

suas obras, das grandes galerias europeias, de Florença, Dresde, Anvers, Munich, Madrid, Roma, Berlim, Paris ou Bruxelas. O contrário seria de estranhar. Mas nem por isso deixa de possuir um alto interesse. Não falta, aliás, entre os artistas e os críticos brasileiros quem saiba perfeitamente distinguir o bom do mau, quem possua uma sólida orientação e cultura, e na galeria em questão há belas obras de arte brasileira. Não nos interessam os seus Velasquez, os seus Rubens, Van Dyck, Murillo, Ribera, Caravaggio, Jordaens, Perugino, Tintoretto, Poussin, os seus Greuse, Teniers ou Paul-Laurens, nem nos preocupam grandemente os problemas de identificação ou autenticidade de alguns desses quadros. Regista-se, com um prazer que é difícil a um português dominar, a presença de Sequeira, Columbano, Silva Pôrto, Malhoa, Carlos Reis, Condeixa, Sousa Pinto, Joaquim Lopes, Roque Gameiro, Sousa Lopes. Mas o que, acima de tudo, interessa, é contemplar os Amoedo, Almeida Júnior, Pedro Américo, Vítor Meireles, Baptista da Costa, Zeferino da Costa e tantos outros reputados pintores brasileiros. E, entre estes, não falta, para glória da arte brasileira, através duma ou outra consagração porventura exagerada, muito que admirar merecidamente.

Registe-se a existência de boas colecções de arte particulares. Na hospitaleira e excelente casa do Sr. Alfredo Sequeira vi um grupo de belos quadros, predominantemente portugueses modernos; na casa, também acolhedora, do Sr. Luís de Orey, vi mobiliário antigo, de muito bom gosto, barros de Machado de Castro, etc. Nalguns edifícios públicos não faltam igualmente interessantes documentos artísticos, sobretudo mobiliário antigo. Causa gratíssima impressão, por exemplo, a visita ao palácio do Itamaraty, onde se encontra instalado o Ministério dos Estrangeiros. Avalia-se o que seria o fausto da vida da sociedade aristocrática no Rio do tempo de D. João VI e do Império. Mas ainda hoje há aristocracia de sangue e de dinheiro, e uma intensa vida elegante, especialmente nos meios diplomáticos e da alta sociedade brasileira.

A imprensa, sobretudo algumas ilustrações, dá

às crônicas mundanas um amplo desenvolvimento, e alguns desses cronistas teem um ambiente de temor e adulação em certos meios. Vi, num salão, um verdadeiramente disputado por gentis damas que pretendiam domar a sua conhecida *verve* satírica.

Ao lado do Museu de Belas Artes, ergue-se outro majestoso edifício, onde está a Biblioteca Nacional, e onde transitariamente se instalaram a Reitoria e serviços centrais da Universidade do Rio-de-Janeiro. Uma visita demasiado rápida permitiu, entretanto, ajuizar da enorme importância cultural daquela Biblioteca. Dotada duma grande riqueza bibliográfica, com os serviços bem organizados e um inteligente e estreito contacto com os investigadores e, em geral, com todos os estudiosos, é ela um dos mais importantes centros de cultura do Brasil e, seguramente, da América. Além de valiosas espécies bibliográficas, deixou ali a Côrte portuguesa um precioso arquivo documental e iconográfico. Lá está uma admirável colecção de desenhos e estampas antigas, lá está a célebre colecção Barbosa Machado. Ali apareceu há anos o famoso processo dos Távoras. O arquivo e a biblioteca do Itamaraty são também importantes, embora naturalmente o seu numeroso pecúlio de volumes seja muito mais reduzido do que o da Biblioteca Nacional.

O Museu Histórico, num palácio do estilo do século XVIII, perto da baía e do cais do Rio, na velha cidade dos negócios e da vida marítima, tem à sua frente um meu querido amigo, o ilustre escritor e académico, Gustavo Barroso. Conhecia a vasta obra literária, histórica e etnográfica do grande escritor brasileiro, do erudito do *Aquém da Atlântida*, do folclorista do *Santo do Brejo* e das *Colunas do Templo*, do biógrafo do *Osório — o centauro dos pampas* e do *Tamandaré — o Nelson brasileiro*, do pensador da *Luz e Pó*. Mas havia dois aspectos da poderosa personalidade de Gustavo Barroso que eu desconhecia: o de político e o de organizador de Museu. Foram para mim uma nova revelação do alto valor do excelente amigo, a quem devo informes, alguns dos quais já utilizados num trabalho meu, sobre a arte rupes-

tre do Brasil, e um afectuoso intercâmbio intelectual de há alguns anos.

Como político, Gustavo Barroso é um dos dirigentes do integralismo brasileiro. Quando, com seu filho, me foi amavelmente visitar ao hotel, vinha dum jornada de propaganda, ainda empolgado pelo entusiasmo da sua missão, em que, dizia, se encontrara fraternalmente unido, em ideais e sentir, com jovens, como o seu próprio filho que ali estava conosco. Sentia-se êle — que, aliás, resplandece de juventude na sua figura aprumada e varonil — tão môço como êsses «jovens, cultos e bravos companheiros da grande bandeira integralista», ida do sul à Amazónia, companheiros aos quais dedicava o seu livro *O integralismo de norte a sul*, que, dias depois, me oferecia e que, tão justo na sua crítica ao socialismo e sobretudo ao comunismo, contém páginas formosas de literatura. Não falta ali um discurso proferido pelo seu autor, como presidente da Academia Brasileira de Letras, no dia de Camões, no Gabinete Português de Leitura. Bela e empolgante passagem, entre outras, a dêsse discurso em que, depois de definir os poemas homéricos, a *Eneida*, a *Divina Comédia*, as epopeias antigas, se diz dos *Lusíadas*: «*Os Lusíadas* são a grande voz do mar, rolando pelas imensidades verdes roçadas pelas velas em que sangram as cruces da Ordem de Cristo; espumando nas praias ignotas onde abicam os aventureiros espantados ou deslumbrados, e perecem heróis e heroínas das histórias trágico-marítimas; batendo nos cachoupos e penedias em que se despedaçam as naus desmastreadas pelo temporal; tomando voz e corpo na figura metuenda dos titãs que falam aos barões assinalados envoltos nos mistérios dos cabos tormentosos, pondo nos corações os grandes mêdos; ressoando nos cantos das sereias e no som dos búzios dos tritões que anunciam os carros de Neptuno e Anfitrite com seu séquito de náiades e monstros; silvando, por entre os relâmpagos e o roncar dos trovões, nos ventos, que teem nomes gregos e acodem ao chamado dos deuses lá do fundo dos seus antros; uivando nas trombas sequiosas que emendam as nuvens nas ondas, redemoínhos de ar

e água; gemendo nas asas leves do zéfiro, nas noites calmas, quando o mar se estende abonaçado e macio, pontilhado de fosforescências, iluminado de santelmos, inundado de luar ou coberto pelo pálio de veludo negro onde se acendem as sete flamas das Plêiades, reluz a vitrina das constelações nunca vistas e se pendura o Cruzeiro do Sul, como a *condecoração dos abismos.*"

Organizador do Museu Histórico, Gustavo Barroso realizou uma tarefa magnífica. A história política, militar, naval, social, do Brasil tem ali uma documentação esplêndida e disposta admiravelmente. É a obra ordenada dum erudito cujo nacionalismo decorre da objectividade dos factos, não sacrifica esta a uma ideia preconcebida. Estava em reorganização a sala de história naval, segundo as mais modernas orientações da técnica de museus. As colecções de armas, de documentos da vida no Império, etc., são importantes. Gustavo Barroso mostrou-me, em canhões da ocupação holandesa, que ao lado das armas nacionais da Holanda estavam as insígnias da Companhia das Índias: as tentativas de absorpção neerlandesa faziam-se, não em nome do Estado, mas duma entidade mercantil. Mostrou-me também algumas dessas deploráveis missivas de D. Pedro à Marquesa de Santos, das quais eu já vira muitos outros espécimes no Instituto Histórico e Geográfico. Essas vergonhosas expansões eróticas estão solenemente subscritadas por "Imperador". D. Pedro punha o Império todo aos pés da sua favorita.

Com piedade, vi também grilhões, algemas e instrumentos de castigo dos antigos escravos. Não é favorável ao regímen da escravatura aquela exhibição em que se reflectem as injustiças, as crueldades, as misérias, as dores, que sofreu durante séculos uma enorme fracção da Humanidade, se bem que, sem tão dramático e pungente aparato de tortura, ainda hoje não faltem, a muitos seres humanos, sofrimentos comparáveis àqueles ou até maiores.

Interessou-me vivamente a série de pinturas de velhas casas e antigas igrejas, dos tempos coloniais, supponho que, na sua maioria, de Ouro Preto.

A colecção numismática do Museu Histórico, cujo

fundo é constituído pela colecção levada por D. João VI para o Brasil, é importante e contém numismas raros e curiosos. E' um dos elementos mais valiosos do recheio do Museu.

Agradáveis instantes de conversa me proporcionou, neste, Gustavo Barroso. Recordo-me de lhe ter então ouvido que no norte do Brasil, creio que no Ceará, ainda chamam «marinheiro» ao português, e ainda, nas casas de costumes patriarcaes, se reza ali tôdas as noites «pelos que andam sôbre as águas do mar». Tradições tão interessantes para nós!

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a que fui algumas vezes e no qual fiz, na sala Varnhagen, uma das minhas palestras, é uma corporação fundada durante a regência de Pedro II, e que reúne muitas individualidades ilustres na erudição e historiografia brasileiras. Possui arquivo, uma bela biblioteca, um pequeno museu que contém algumas peças históricas interessantes. Ali está também um dos célebres crânios pre-históricos de Lagoa Santa (Minas Gerais), descobertos em 1843 por Lund, e estudados mais tarde por Lacerda e Peixoto, Soren-Hansen, etc. A maior parte desses espécimes antropológicos foi transportada para Copenhague. Foi com viva curiosidade que examinei aquela caveira que está muito bem conservada.

No Instituto há muitos documentos iconográficos relativos a figuras e episódios da história brasileira. E' elevado já o número de volumes de trabalhos saídos daquela agremiação erudita, cuja *Revista* tem hoje uma nomeada universal e cuja colaboração em conferências e congressos de estudos americanos, de história brasileira, etc., tem sido importante e activa. A presidência do Instituto pertence hoje ao ilustre académico, Sr. Conde de Afonso Celso, e é secretário perpétuo o Sr. Dr. Max Fleiuss, cujos serviços ao ensino e à investigação histórica no Brasil tem o maior relêvo, sendo para notar que, nos seus trabalhos, ao contrário de alguns seus compatriotas, o sr. Fleiuss faz inteira justiça à prioridade portuguesa no descobrimento do Brasil.

Várias vezes me avistei, durante a minha estada no Rio, com o antigo reitor da Universidade daquela

capital, dr. Manuel Cícero Peregrino da Silva, que conhecera em 1931 em Paris e depois esteve no Pôrto, de passagem para o Brasil. O dr. Manuel Cícero, que teve a gentileza de me fornecer alguns informes históricos que lhe pedi, é um dos mais activos e eruditos colaboradores do Instituto Histórico.

O Instituto Nacional de Música, cuja direcção está entregue ao sr. Guilherme Fontaínha e que foi integrado há pouco na Universidade do Rio-de-Janeiro, possui um Museu Instrumental, anexo à sua biblioteca. O Instituto, cuja sala de concertos é esplêndida, tem cêrca de 100 professores, assistentes e docentes, prepara musicistas e professores de música, com uma cultura sólida e ampla — conforme com a sua actual índole universitária — e começou agora a publicar uma *Revista Brasileira de Música*. Tive o prazer de lá encontrar o *maestro* Nicolino Milano, que conhecia do Pôrto e que regeu a orquestra de professoras que executou admiravelmente, na sala de festas do Instituto, um concerto, oferecido pela Universidade ao Sr. Embaixador de Portugal e a mim. Do programa dêste concêrto faziam parte a admirável sinfonia *A' Pátria*, de Viana da Mota, formosos trechos de Francisco Braga, Oscar da Silva, Agnelo França e Alberto Nepomuceno. O belo concêrto terminou com os acordes vibrantes do *Guarany*, de Carlos Gomes.

Uma nota triste é assinalada, com razão, na *Revista* pelo sr. Itiberê da Cunha: a destruição do antigo "Teatro Lírico" do Rio para, no local, se edificar a Caixa Económica!... Lá estive nas desoladas ruínas. O gramofone, a radiotelefonía, a própria evolução da ópera lírica, associaram-se ao cinema e aos vertiginosos divertimentos modernos para, em tôda a parte, fazer entrar em crise os antigos teatros líricos. O nosso S. João, do Pôrto, de mais antiga tradição do que o Lírico do Rio (que foi inaugurado em 1871) está transformado em cinema. Quando evocamos a bela música que ali se ouvia tôdas as épocas, a rara distinção dos seus espectáculos, ficamos hesitantes sôbre o melhor destino que seria de desejar, para o elegante recinto: se a transformação actual em cinema, se a demolição como no seu congênere do Rio. Ao menos a Caixa Económica adapta-se melhor à menta-

lidade duma época, como a nossa, em que na política, na filosofia, na sciência, domina, sem disfarces, o materialismo...

No Instituto de Música, paralelamente ao que registámos na Escola de Belas Artes, cultivam-se, cabidamente, os autores nacionais e o folclore brasileiro. Iniciou-se ali a publicação dum Arquivo de Música Brasileira, com um *Cântico Religioso (O' Deus Benigno)* a 3 vozes, sem acompanhamento, composto em 1855 por Francisco Manuel da Silva. O Sr. Octávio Bevilacqua é o professor de história da música e de folclore nacional. Naturalmente o folclore é, no Brasil, de difícil estudo, em vista da pluralidade de suas fontes, a portuguesa, as africanas, as ameríndias; mas é indubitável que nessa rêde etnográfica por vezes inextricável se formou já um pecúlio popular tradicional que não é nem pròpriamente português, nem africano, nem índio, embora possa ter derivado de sugestões de uns ou de outros, nêle se encontrando algumas raízes emocionais, alguns motivos ou algumas modalidades novas de expressão.

Mas, homogêneo ou não o folclore no Brasil, o seu cultivo pelos brasileiros só dignifica ou fortalece aquele país. Com razão, o grande Afrânio Peixoto, opondo à vèlha História, mais ou menos falsificada, ou simples biografia de soberanos, as tradições populares, a verdadeira história do povo, proclama, no seu formoso livro *Missangas*, que o Folclore é «a mais nobre, a mais progressiva e a mais humana das sciências» e aconselha os brasileiros a cultivarem, «sem perda de tempo», essa «sciência de tão modestas origens que terá tão grandes conseqüências».

Pois no Brasil estudam-se intensamente a história pátria e as tradições populares. Não há melhor maneira de desenvolver e fortalecer uma consciência nacional. Um país que tem o culto da sua história e do seu folclore, não é um agrégado amorfo, anódino, de indivíduos, ligados mais ou menos pelo acaso ou por simples interesses materiais. É um corpo cenestésico, palpitante; é uma Pátria que se reconhece, uma Pátria viva, imortal!

MENDES CORREIA.